

**DOS BECOS E VIELAS AO GLAMOUR PARISIENSE: AS
TRANSFORMAÇÕES URBANAS NA *BELLE ÉPOQUE* NO RIO DE JANEIRO
DURANTE OS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO XX (1900-1909)**

*Sergio Luiz Riça Leal*¹

Resumo: Este trabalho pretende produzir uma reflexão crítica sobre as reformas de Pereira Passos no Rio de Janeiro entre 1900 e 1909, período conhecido como *Belle Époque* tropical. Baseadas no estilo de vida parisiense, tais reformas trouxeram diversos impactos para a população em geral, sobretudo, para os moradores dos cortiços, devido às condições insalubres em que eram habitados. Nessa perspectiva, buscamos entender a relação entre as reformas urbanísticas no Rio de Janeiro e o ideal de moderno. Para este estudo, utilizamos como fonte de pesquisa os periódicos locais publicados durante o período em questão.

Palavras-chave: Pereira Passos. Reforma. Paris. Cortiço.

**FROM ALLEYS AND LANES TO PARISIAN GLAMOUR: URBAN
TRANSFORMATIONS IN *BELLE ÉPOQUE* IN RIO DE JANEIRO DURING
THE FIRST YEARS OF THE TWENTIETH CENTURY (1900-1909)**

Abstract: This work intends to produce a critical reflection on Pereira Passos' reforms in Rio de Janeiro between 1900 and 1909, a period known as tropical *Belle Époque*. Based on the Parisian lifestyle, these reforms have several impacts on the population in general, mainly for the tenants, due to the unhealthy conditions in which they were inhabited. From this perspective, we seek to understand a relationship between urban reforms in Rio de Janeiro and the modern ideal. For this study, use local journals published during the period in question as a source of research.

Keywords: Pereira Passos, Reformation, Paris, Cortiço.

Introdução

Este trabalho visa descrever as reformas urbanas cariocas promovidas pelo prefeito Francisco Pereira Passos nos primeiros anos do século XX, bem como seus impactos na configuração social e cultural da então capital federal e do Brasil como um todo.

Desde o final do século XIX, o Rio de Janeiro vinha passando por um desenfreado processo de crescimento urbano. Isso se deu em virtude do elevado número de imigrantes, que viam aqui a possibilidade de melhores condições de vida e de mais oportunidades de emprego. No entanto, a consequência disso foi uma carência habitacional nos grandes centros urbanos e o aumento no número de desempregados, uma vez que havia excesso de mão de obra. Desse modo, o trabalho informal e mal remunerado passava a ser opção de boa parte dos trabalhadores. (NEEDEL, 1993)

¹ Licenciado em História pela Universidade Veiga de Almeida. E-mail: sricaleal@gmail.com

O jornal *Correio da Manhã* retrata a forma insalubre em que os moradores de habitações coletivas viviam, em meio a condições que favoreciam a proliferação de doenças. O jornal faz uma denúncia ao canal de esgoto que passa pela Cabeça de Porco, já que ele aumenta ainda mais a propagação de doenças.

Existe uma pequena ponte no canal de esgoto de um riacho estreita, com entulhos, que faz estagnar as águas, não só no trecho, ao leito da rua, como por baixo de um estabulo, junto a nova Cabeça de Porco, onde o dito riacho passa e que o proprietário não deu espaço necessário para passagens das águas, fazendo portanto recuar as mesmas. Habitamos, assim, n'um charco pestilento, a represa constante de águas nas hortas vizinhas, por onde passa o dito correjo e em logares baixos, tem desenvolvido febres e muitas molestias, em prejuizo dos moradores e desanimo completo dos proprietarios, pela falta de calçamento. (CORREIO DA MANHÃ, 13/09/1903, p.4)

Além da evidente necessidade de melhorar a situação sanitária do Rio de Janeiro, as reformas propostas por Pereira Passos também visavam modernizar e embelezar o estilo carioca, ainda fortemente marcado por aspectos coloniais, antiquados e obsoletos. Surge, então, o que chamamos de *Belle Époque*, período em que se deu todo esse conjunto de mudanças pelas quais a cidade passou. O objetivo era que o reduto de cortiços, negros, prostitutas e demais habitantes tidos como “impuros”, no qual consistia a região central, desse lugar a um verdadeiro símbolo social, uma sofisticada vitrine inspirada no estilo de vida parisiense. (ENDERS, 2015)

Sob este viés, ruas, avenidas, parques, teatros e demais obras de relevância urbana, social e cultural foram postas em prática. As doenças provocadas pela insalubridade nos coletivos habitacionais do centro passaram por uma intensa política higienista, cuja finalidade era combater epidemias como a varíola, a malária e a febre amarela.

Os casos de peste ocorreram nas seguintes casas: ruas de Guaratyba n.70, da Glória L.A, Gonçalves Dias 14, Hospicio 14, Primeiro de Março 133 (dois), Senador Eusebio 88, Travessa Natividade 9, falecendo os doentes no hospital de S. Sebastião. Durante a semana referida foram recebidas nas delegacias de saúde 52 notificações de molestias transmissíveis, sendo: 1 por febre amarela, 45 de varíola, 24 de peste, e 14 com observação. (O PAIZ, 07/12/1905, p.1)

Começa, assim, a surgir uma nova configuração urbana e, como se pretendia, nos moldes arquitetônicos e culturais de Paris. A elite carioca passava a ter novos costumes e a realizar novas atividades, distanciando-se cada vez mais dos ares do Brasil Colônia.

Por outro lado, como destaca Enders, a população menos favorecida teve seus sobrados, cortiços e casas irregulares demolidos para dar lugar à construção da Avenida Cental (atual Rio Branco), que seria o novo reduto da elite carioca, um centro urbano moderno e elegante.

As demolições começam em 29 de fevereiro de 1904, e desalojam cerca de vinte mil cariocas de seus sobrados, cortiços e pensões. De cada lado 33 metros de largura da avenida erguem-se construções de estilo eclético. O embelezamento da avenida Central, que passou a se chamar Rio Branco em 1912, irá prosseguir contudo, durante quarenta anos. (ENDERS, 2015, p. 214)

Esta pesquisa pretende, portanto, realizar uma análise do que, representou a *Belle Époque* carioca e as principais transformações urbanas, sociais e culturais nos periódicos em circulação na capital fluminense que fizeram parte desse período de fundamental importância na história do Rio de Janeiro e do Brasil. Num recorte temporal que corresponde ao início do século passado, pretendemos perceber como as particularidades na construção das ideias de modernidade se inserem no contexto das reformas em questão. Para essa investigação utilizaremos como fontes de pesquisa jornais e fontes bibliográficas. Os jornais publicados no Rio de Janeiro, disponíveis na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, na Hemeroteca Digital da mesma instituição. Na busca pela documentação, tivemos acesso e utilizaremos, como testemunhos do período analisado referente à capital do Rio de Janeiro, os periódicos *Correio da manhã* e *O Paiz*. Essas fontes, inéditas em sua maioria, foram confrontadas com a historiografia produzida acerca das análises das representações dos periódicos cariocas sobre as reformas urbanas e o entretenimento na cidade do Rio de Janeiro, no período em pauta.

Esta pesquisa dialogou com a proposta de Tania Regina de Luca, em “História dos, nos e por meio dos periódicos”. Trata-se de uma obra em que os diferentes jornais passam por uma análise com base no maior número de elementos possíveis. Dessa forma, buscamos obter, organizar e sistematizar fontes periódicas brasileiras e estrangeiras disponíveis em acervos públicos.

Traços da *Belle Époque* tropical e as influências parisienses

Entre o final do século XIX e o início do século XX, o Rio de Janeiro passou por importantes transformações urbanas, sociais e culturais, todas elas fortemente

influenciadas pela chamada *Belle Époque* tropical, movimento em que se baseou o desenho dessa "nova cidade".

Tratava-se de uma efervescência à modernidade e da busca por um progresso urbano, a fim de aproximar o Rio de Janeiro – capital do Brasil na época – dos moldes das grandes metrópoles europeias. Enquanto estas eram vistas, sobretudo, pela classe elitista como um ideal civilizatório e moderno, muito graças à tecnologia que detinham, a sociedade carioca ainda seguia os moldes coloniais portugueses. Ancorado pelo prefeito Pereira Passos, todo esse processo teve grande influência do modelo francês de Haussmann, à época, prefeito do departamento de Sena e responsável por transformar Paris num monumento. (NEEDELL,1993)

No velho continente, as reformas feitas na segunda metade do século XIX visavam satisfazer os desejos de Napoleão III, pautados numa grande transformação da cidade europeia com base no moderno. Para tanto, convidou Georges Eugène Haussmann para ser prefeito de Paris e pôr em prática o tão almejado processo de renovação da capital francesa.

A principal proposta de organização de Haussmann em relação ao desenvolvimento social da cidade era transformar a estética de Paris: avenidas foram arborizadas, a iluminação pública passou por grandes investimentos, os transportes antiquados deram lugar a meios de locomoção mais modernos, entre tantos outros progressos. Vale destacar, ainda, o foco em melhorar a vida social dos habitantes, com a construção de áreas de lazer como praças e jardins.

(...) Haussman embelezou a cidade. Ele ressaltou por exemplo, a paisagem parisiense típica desde então: grandes perspectivas, focalizadas em grandes movimentos monumentos ou edifícios, flanqueadas por fachadas que compartilhavam padrões comuns de aparência, e caracterizadas pelo estilo da época, o *Beaux-Arts*. Ele também mandou reformar ou construir edifícios públicos, sendo o mais famoso deles a Ópera, marca registrada do Segundo Império. (NEEDELL,1993, p. 51)

Graças ao reconhecimento internacional que alcançou, o projeto de modernização de Haussmann em Paris se propagou em diversos países que também tinham forte anseio pelo moderno. No Brasil, por exemplo, ao longo dos primeiros anos do século XX, o foco de todas essas mudanças foi o Rio de Janeiro, então capital federal. O objetivo era claro: revitalizar a cidade sob os padrões parisienses para que o Brasil fosse visto mundialmente

como um país moderno, já que a capital viria a ser sua principal vitrine. (NEEDELL, 1993)

O início da *Belle Époque* tropical se deu com o governo de Campos Sales (1898-1902) e sua reforma federalista. Nesta época, o Rio de Janeiro passava por grande dificuldade de extensão territorial, uma vez que seu terreno era insalubre para todas as mudanças pelas quais passaria. Já no governo Rodrigues Alves (1902-1906), Pereira Passos começou a concretizar as reformas que vinham sendo planejadas, todas elas prezando, essencialmente, pelo embelezamento urbano e pela melhoria da situação sanitária carioca, considerada abominável no período em questão. (NEEDELL, 1993)

As condições precárias de saneamento pelas quais a população do Rio de Janeiro passava eram conhecidas internacionalmente, muito por conta de suas consequências catastróficas. No ano de 1905, por exemplo, a taxa de mortalidade já superava a de natalidade na cidade. Junto a isso, seu desenfreado crescimento populacional – devido à intensa imigração nacional e estrangeira – fez com que o índice de doenças aumentasse consideravelmente, tal qual vinha ocorrendo com a febre desde 1849. A situação degradável por que a cidade passava era uma das causas da doença se espalhar de forma rápida. A fim de tentar minimizar a epidemia, portanto, o governo começa a investir em recursos de saneamento básico e em medidas de prevenção, como o isolamento dos doentes e a proibição do sepultamento de corpos nas igrejas. A atitude tomada pelas autoridades pode ser vista no jornal *O Paiz*.

Esta se desenvolvendo com assustadora intensidade a epidemia da febre amarela nesta capital. (...) No curato de Santa Cruz a epidemia tem feito numerosas victimas, O hospital de S. Sebastião está se enchendo de enfermos: ante-hontem existiam 40 pessoas atacadas de febre amarela; hontem entraram mais 10. Urge, pois repentimos, que a directorias da saúde e hygiene publica acudam com medidas energicas para resguardar a população desta capital do destruidor flagelo que a está ameaçando. (O PAIZ, 14/03/1902, p.2)

Com as grandes transformações entrando em vigor, surge, então, a necessidade de deixar a cidade com cara urbana, de modo a acompanhar o progresso econômico do país e promover o aumento das atividades portuárias. Com o rápido crescimento do Rio de Janeiro em direção à zona sul, passa-se a importar do mercado internacional um novo meio de transporte – chamado de automóvel – e a sofisticar o bonde elétrico nas áreas urbanas.

Seguindo com a principal meta de sua administração, a modernização carioca, Pereira Passos abriu as avenidas Mem de Sá e Salvador de Sá e alargou várias ruas importantes pelo centro do Rio. Houve, ainda, a demolição do morro do Castelo, que deu lugar a Avenida Central (atual Rio Branco) e Francisco Bicalho, propiciando a revitalização do porto do Rio de Janeiro. Em 1909, o Theatro Municipal era inaugurado, tornando-se, desde então, um dos centros artísticos e culturais mais famosos do Brasil. (ENDERS, 2015)

Vale destacar que toda essa reconstrução urbana partia de um viés ideológico, que visava suprir a necessidade da capital de privilegiar a elite local, e não a massa populacional. Com o alargamento das ruas e a realização de tantas obras, quarteirões residenciais foram destruídos e muitas famílias acabaram sendo despejadas de suas casas, sendo forçadas a migrarem para outros lugares.

Além disso, as reformas pelas quais o Rio de Janeiro passava traziam consigo diversas proibições municipais na tentativa de erradicar os problemas sociais, como a venda de animais abatidos nas ruas, a condução de vacas em locais públicos, a criação de porcos em área urbana e a atuação de mendigos. As autoridades passaram a combater intensa e agressivamente todos aqueles que perturbavam de alguma forma a ordem pública. As práticas afro-brasileiras foram das mais atingidas: o temor pela repressão fez com que se realizassem ocultamente. (ENDERS, 2015)

O modelo de paisagem, os desenhos de avenidas, as concepções arquitetônicas e os bulevares criados em Paris apareceram como fortes inspirações para o processo de remodelagem carioca de Pereira Passos. De certa forma, traçou-se a meta de deixar o Rio de Janeiro cada vez mais próximo do que chamamos de “cidade-luz”, moldada pelas manifestações das vanguardas europeias de modo a transformá-lo num verdadeiro centro cultural

Da Haussmannização de Paris, que observei pessoalmente mais de quarenta anos antes, Pereira Passos copia o alargamento das ruas e as grandes aberturas através do tecido urbano antigo. A pavimentação das ruas, a canalização dos rios, o nivelamento das calçadas estão igualmente na ordem do dia. (ENDERS, 2015, p. 213)

A temática literária torna-se muito presente desde o final do século XIX, graças a grandes nomes como José de Alencar, Bernardo Guimarães, Aluísio Azevedo e Machado

de Assis – entre todos, o de maior destaque: mulato e nascido em 1839 no morro do Livramento, o autor foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

Entre becos e vielas do Rio de Janeiro antigo

Ao longo do século XIX, o Rio de Janeiro sofreu grandes transformações em sua estrutura urbana. De acordo com Needell (1993), até então, tratava-se de uma cidade de pequeno porte e apertada – limitada pelos morros do Castelo, de São Bento e do Cais – que passou a crescer desenfreadamente e sem o planejamento adequado.

Como sinaliza Abreu (1997), a carência de trabalhadores livres e de meios de locomoção deu origem aos aglomerados que se formaram na região portuária, já que havia ali um intenso fluxo de mercadorias e de escravos. Naqueles arredores, principalmente, a população vivia em condições insalubres e degradantes, a tal ponto de propiciarem a ocorrência de um surto de febre amarela pela cidade. Junto a essa situação de precariedade, os moldes coloniais, que ainda faziam parte do estilo carioca, também retratavam uma estrutura que não condizia em nada com uma capital federal.

Na tentativa de mudar completamente esse cenário, na primeira década do século XX, o Rio de Janeiro passou por um processo de modernização que visava a construção de uma imagem nacional alinhada aos ideais civilizatórios europeus. Realizadas na gestão do prefeito Pereira Passos, as reformas que integraram todo esse movimento tinham como principal referência o padrão moderno das reformas de Haussmann em Paris, no século XIX. Daí, o nome pelo qual ficou conhecido todo esse período de mudanças na conjuntura da cidade: *Belle Époque* carioca, ou tropical.

(...) em particular, destacavam a importância cultural das reformas; não consideravam o afrancesamento do Rio apenas como um conjunto saudável e eficiente de novas vias, mas também como símbolo e instrumento da reabilitação do país e de um futuro “civilizado” (isto é, europeu). (NEEDELL, 1993, p. 68)

No contexto urbano, as obras na capital incluíram a construção de uma avenida no cais que ligaria a Praça Mauá a outra avenida, ao lado do canal do Mangue – hoje, avenidas Rodrigues Alves e Francisco Bicalho, respectivamente. Além disso, ocorreu a abertura da atual avenida Rio Branco (na época, Avenida Central), propiciada pelo deslocamento da população residente na região e pela demolição de prédios, prática frequente nesse período de reformas. O objetivo era facilitar o acesso dos comerciantes cariocas aos produtos que chegavam ao porto, o que, até então, era dificultado pela má

ligação com a área central da cidade. Dessa forma, a então Avenida Central começou a ser vista como uma expressão cultural da elite, uma vitrine na qual moda, decoração e outros aspectos do setor passaram a ter um destaque maior. (NEEDEL, 1993)

Em relação aos aspectos sociais, o foco estava no combate a epidemias – como a da febre amarela – e a outras consequências da insalubridade. Para isso, a principal iniciativa tomada pelas autoridades foi a derrubada dos chamados cortiços, habitações coletivas construídas na região central do Rio de Janeiro, com o objetivo de abrigar o maior número possível de pessoas em um local próximo a seus respectivos trabalhos. Aqui, ressalta-se a obra “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, como grande referência literária sobre esse tipo de moradia da época.

(...) pela recrudescência das estalagens ou cortiços, moradias coletivas cuja construção era submetida à autorização municipal desde 1855. Da rua, os cortiços são poucos visíveis. Transposta a entrada, descobre-se um espaço central destinado à circulação interna, à secagem de roupa, à criação de aves e de umas vacas, para o qual se abrem múltiplos alvéolos onde vivem e às vezes trabalham famílias inteiras. Esses são o cenário e o título escolhidos por Aluísio Azevedo para o enredo de O Cortiço (1890), romance exemplar do realismo social. (ENDERS, 2015, p. 202)

Nesses lugares, devido à falta de estrutura e de saneamento básico, o contágio da população por doenças era frequente. A superlotação de operários que ali residiam, o acúmulo de sujeira e a pouca ou nenhuma ventilação que corria no local contribuíam significativamente para o surgimento de verdadeiras epidemias. Por isso, foi instaurado o Bota-Abaixo, operação encarregada de desapropriar, sob leis, decretos e força policial, os cortiços² e demoli-los, a fim de solucionar o caos em que se encontrava a saúde pública. A partir de então, aquelas precárias e insalubres habitações dariam lugar a uma transformação completa do espaço urbano. Novos prédios começavam a ser construídos no local e, com isso, surgia a necessidade de profundas melhorias no fornecimento de água e no tratamento de esgoto. Ruas e avenidas mais largas foram criadas, com o objetivo de favorecer a circulação de pessoas e propiciar uma maior ventilação no ambiente.

O que vae principiar já e já é o bota abaixo para abrir se a grande avenida. Para este fim consta já ter sido entregue a um dos membros da comissão das obras do porto, para o pagamento dos prédios desapropriados, somma de dez mil contos, o que provocou hontem de illustre collega a justa observação de que pela primeira vez se entrega a

² Expulsão da população mais simples e pessoas consideradas marginalizadas pela sociedade.

tão avultada importância a um funcionário público, sendo costume fazerem-se tais pagamentos pelo Tesouro, à vista de requisição do chefe de serviço. A avenida é que é um empreendimento urgente, inadiável, indispensável ao saneamento da cidade, à qual entretanto falta água, faltam esgotos, falta calçamento. (CORREIO DA MANHÃ, 14/12/1903,p.1)

No que diz respeito aos antigos habitantes dos cortiços, surge uma nova questão social: os morros em torno do centro da cidade “passam efetivamente a ser ocupados, dando origem a uma nova forma de habitação popular – a favela.” (ABREU, 1997, p.142). Somado a isso, linhas de bondes e de trens foram criadas para facilitar a locomoção dos trabalhadores até seus locais de trabalho.

Basta observar que a desconcentração urbana propiciada por bondes e trens não afetou a densidade demográfica das freguesias centrais da cidade. Com efeitos parte da população dependia da proximidade ao centro (onde se concentrava todo o emprego) para obter trabalho. (ABREU, 1997, p.140).

A cultura do Rio de Janeiro também teve papel de destaque nos planos de modernização da cidade. Uma importante marca desse fato foi o concurso de elaboração de projetos para a construção de um teatro na Avenida Central: o Theatro Municipal. “Termina hoje ao meio dia o prazo para apresentação de projectos para a construção do theatro Municipal, tendo ate hontem sido entregues quatro projectos” (O PAIZ, 15/09/1904, p.1). O projeto selecionado foi inspirado na Ópera de Paris, idealizado pelos dois primeiros colocados, que empataram no concurso. Em 1905, portanto, as obras começaram, e, em 1909, foram concluídas, seguindo o estilo parisiense apresentado.

Com toda a solemnidade, é hoje inaugurado o theatro Municipal, monumento novo a se juntar-se áquelles que a nossa sociedade já possuía: resultado de longos e custosos esforços (...) Elle é ainda um producto daquella época de formidáveis iniciativas em todo o paiz, que foi o governo de Rodrigues Alves, e mais particularmente da administração fecunda e remodeladora do prefeito Francisco Pereira Passos. (O PAIZ, 14/07/1909, p.1)

Gradativamente, Pereira Passos conseguiu colocar em prática as mudanças planejadas para o Rio de Janeiro. De fato, os ares coloniais foram dando lugar a feições mais modernas, cada vez mais similares às inspirações parisienses em que se basearam as reformas da *Belle Époque* carioca, que deixou como legado reflexos urbanos, sociais e culturais para a então capital federal e para a imagem do Brasil mundo afora.

A Belle Époque sob o ponto de vista da imprensa

Para este estudo, a utilização de jornais como fontes primárias nos proporcionou uma gama de informações históricas sobre as reformas urbanas cariocas no início do século XX, recorte temporal sobre o qual pautamos o presente trabalho. Realizando, então, a análise dos dados coletados, percebemos diferentes olhares sobre os acontecimentos da época em questão.

As fontes utilizadas para esta investigação foram, basicamente, os jornais publicados no Rio de Janeiro, disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Na busca pela documentação, utilizamos como testemunhos do período analisado os jornais *Correio da Manhã* e *O Paiz*, fontes com as quais confrontamos a historiografia produzida acerca dos acontecimentos aqui abordados. Além disso, analisamos as principais diferenças na abordagem dos dois jornais citados a respeito das reformas urbanas no Rio de Janeiro.

As reformas urbanas começam com a necessidade de reformular uma cidade com resquícios coloniais e situação sanitária precária, fator determinante para a proliferação de doenças. Neste contexto, o jornal *Correio da Manhã* traz com tom crítico as primeiras medidas da polícia sanitária para higienizar a capital e eliminar potenciais focos de epidemia. Como percebe-se no trecho em destaque a seguir, a adoção de práticas paliativas levaria à intensificação do problema, consequência contrária ao que se pretendia e aos resultados alcançados em outros países com métodos tidos como mais eficazes.

A hygiene municipal entrou agora em franca atividade. Esta isposta, ao que parece, a agir com firmeza e constância. E preciso, porém, que a população não a receba com prevenções, não lhe crie embaraços. Só assim poderá a policia sanitaria desempenhar-se suavemente dos seus deveres, sem mais incommodo para os particulares, sem necessidade de medidas coercitivas que se tornam imprescindiveis sempre que haja resistencias a vencer. Não sendo energica e rigorosa a policia sanitaria nunca se conseguirá o fim almejado, ou evitar o contagio das epidemias e a sua propagação. E absolutamente necessario extinguir os focos de infecção; destruir os viveiros dos mosquitos, transmissores da febre amarella e da malaria, uns e outros existentes nas habitações particulares. Sem severa e efficaz inspeção nas casas e suas dependencias, todas as mais providencias hygienicas são perdidas; nunca passarão de meros palliativos. Entre as nações mais cultas e adeantadas se tem logrado excelentes resultados com essa inspeção,

único meio de dar combate á incúria e ao desasseio, causas originais de tantas molestias. (CORREIO DA MANHÃ, 15/03/1903,p.1)

Por outro lado, o jornal *O Paiz* se preocupa em descrever a ação contra os focos de mosquitos da febre amarela, sem emitir opiniões contrárias sobre os métodos aplicados pelo poder público.

Serão organizadas: uma brigada contra os mosquitos e de isolamento domiciliar dos amareletos; a policia sanitaria dos focos constituídos e das zonas suspeitas; a policia sanitaria dos domicilios e logradouros publicos e a vigilancia sanitaria. O serviço especial da brigada contra os mosquitos inclue o isolamento dos doentes nos domicilios e as providencias exigidas pela proteção dos doente contra a picada dos moquistos, pelo preparo do quarto de isolamento no domicilio, pela matança dos mosquitos na totalidade do predio e consequentemente eliminção de todos os logares onde facil se torne a proteção delles, quer o doente tenha sido isolado em domicilio, quer tenha sido removido; pela exterminação dos focos de formação delles na zona peri-domiciliar considerada perigosa. (O PAIZ, 07/05/1903, p.1)

Ainda em relação às deploráveis condições higiênicas pelas quais o Rio de Janeiro passava, ambos os jornais denunciavam a insalubridade nos cortiços e demais coletivos habitacionais. Na publicação abaixo, por exemplo, *O Paiz* expõe a situação degradante da Cabeça de Porco e critica a resistências dos moradores às providências tomadas pelas autoridades locais.

Não ha quem se não lembre da famosa Cabeça de Porco, a immunda estalagem da rua Barão de S. Felix, ninho da febre amarella, e cujos proprietarios, durante muitos annos, zombaram das autoridades municipaes, todas as vezes que ellas se apresentavam para demolil-a, abem da hygiene e da vida de seus moradores. Actualmente, pelo que temos lido em nossos collegas vespertilhos, a directoria de obras municipaes tem se achado impotente para demolir os grotescos barracões onde funciona o parque Santa Anna, na cidade Nova, embora o seu proprietario João Correia, assignasse um termo naquella repartição; pelo qual se obrigava a demolil-os no dia 29 de janeiro passado, sendo, em caso contrario feita a demolição, 48 horas depois, pela prefeitura, pagando o seu proprietario as respectivas despesas. (O PAIZ, 14/02/1901, p.3)

Já o *Correio da Manhã*, ao mesmo tempo que também traz à tona a precariedade nas estalagens coletivas, segue com parecer contrário à forma como representantes do executivo municipal agiam, sobretudo, quando se tratava de demolições.

Ao sr. barão de Pedro Affonso endereçamos a imformação abaixo. Na rua da Conceição n. 83 existia uma cortiço immundo feito de madeira, onde não havia a menor hygiene. O commissario respectivo, visitando-o, intimou o proprietario a demolil-o. Este, clandestinamente iniciou umas obras, e, levantava já paredes de tijolo, quando foi surprehendido pelo commissario de hygiene. Esta autoridade sanitaria embargou as obras, collocando à porta do cortiço uma praça de policia. Infelizmente porém, essa providencia não se tornou effectiva, pois que a reforma continua e a praça desappareceu. (CORREIO DA MANHÃ, 23/01/1902,p.3)

Em relação à questão estética das reformas, o *Correio da Manhã* aparece com uma crítica referente aos gastos com o embelezamento da cidade, que recaem sobre a população com o aumento de impostos. O trecho abaixo mostra uma clara mensagem de repúdio às práticas de Pereira Passos neste quesito.

O dr prefeito tem, certamente, consciencia de que o contribuinte, para ocorrer às despesas com a reforma e embellezamento da cidade, está sobrecarregado de impostos e o que a municipalidade recebe não póde ser dispendido em favor de quem nenhum serviço presta ao districto. Seria iniquo onerar a população em proveito de terceiros e é na convicção de que o dr. Prefeito pensa desse modo que esperamos de s. ex. as necessarias explicações sobre o caso (CORREIO DA MANHÃ, 15/11/1905,p.1)

O glamour da cidade foi transferido da Rua do Ouvidor para a Avenida Central, que se transforma num bulevar moderno e civilizado. O jornal *Correio da Manhã* destaca esse emblemático momento na tentativa de transformar o Rio em uma cidade nos moldes parisienses, deixando para trás os ares coloniais que persistiam até então.

Assumi o scpetro da moda a Avenida Central, cuja riqueza de perspectiva a afronta, ali mesmo á sua sua extremidade, onde a estreiteza das suas linhas desemboca no largo horizonte modernamente aberto aos transeuntes. E as influencias da innovação dos habitos são tão fortes, predominam tão rapidamente sobre os entes civilizados, febris, avidos de sensações, que hoje ninguem mais julga já ter passeado, si passa unicamente pela antiga rua do Ouvidor, outr'ora tão sufficiente ás exigencias mais requintadas do bom gosto. E' preciso fazer-se a Avenida, ir ás lojas da Avenida, tomar o gelado no Castellões ou no Frontin, á Avenida, e adquirir emfim objectos expostos nas luxuosas vitrines da Avenida. Nestas condições, o commercio da Avenida assumia também uma feilão propria na altura do modernissimo transformador: e os empregados das novas casas que rutilam nessas largas calçadas, têm o ar feliz e altivo, levemente condescendente para as fraquezas financeiras do freguez, num certo indifferentismo fidalgo por coisas pequeninas, coisas mesquinhas, que nem de leve podem

atingir em taes culminancias do brilhantismo. (CORREIO DA MANHÃ, 24/04/1907,p.1)

Considerações Finais

O processo de modernização do Rio de Janeiro, pautado no modelo parisiense, proporcionou a criação de um novo padrão arquitetônico através de todo o conjunto de reformas aqui abordados. A imagem do prefeito Pereira Passos teve grande destaque, pois era visto como o principal articulador e líder de todo o processo civilizatório carioca, que consistiu em transformações sociais, urbanas, culturais e sanitárias.

Os cortiços passaram a tomar uma grande proporção devido à concentração de trabalho no centro do Rio de Janeiro. As famílias dos trabalhadores começaram a se aglomerar e a viver em péssimas condições higiênicas, acarretando na difusão de doenças e moléstias diversas. Resolver essa situação se tornou parte fundamental do projeto de mudanças na capital federal.

Os periódicos em circulação na época tinham um posicionamento a favor da ideia de civilização. O que se nota ao pesquisar os jornais Correio da Manhã e O Paiz é uma situação de conflitos entre a modernização e as camadas menos favorecidas. A vulnerabilidade dos que habitavam os cortiços é evidenciada em ambos, tanto como potenciais causadores da caótica situação sanitária quanto como vítimas das moléstias, epidemias e condições insalubres em que viviam e que acabam se proliferando pela cidade. Esse, inclusive, era um ponto em que os jornais em questão divergiam: enquanto o Correio da Manhã criticava o modo como o poder público tentava resolver a falta de higienização, O Paiz divulgava as ações e repudiava a resistência que as autoridades enfrentavam por parte dos moradores daquelas habitações insalubres.

Em relação às reformas urbanas, três importantes avenidas foram abertas: a Rodrigues Alves (ou do Cais), a Francisco Bicalho e a Avenida Central (atual Rio Branco), ponto alto das obras realizadas. Tratava-se de um novo cenário urbano com enorme destaque cultural para a cidade, já que “nada expressa melhor a belle époque carioca do que a nova Avenida Central – um imenso bulevar cortando as construções coloniais da Cidade Velha” (NEEDELL, 1993, p.58). A Avenida Central se tornaria um bulevar, semelhante aos de Paris. Inaugurada em 1905, era um ambiente asfaltado, arbóreo, com iluminação. Além disso, concentraram-se ali grandes hotéis, casas

comerciais, sedes de jornais e elementos culturais como o Theatro Municipal e a Biblioteca Nacional.

Desse modo, gradativamente, os ares coloniais e ultrapassados nos quais o Rio de Janeiro vivia até então dava lugar a hábitos, costumes e aparências mais condizentes com seu papel de capital federal. Por outro lado, todas essas mudanças em um curto período de tempo, naturalmente, acabaram gerando um choque no estilo de vida do carioca, cuja massa deveria ser integrada à nova condição social vigente em vez de ser excluída. Começando pelo centro da cidade, ponto de maior visibilidade, as reformas de Pereira Passos foram difundidas pelo resto da capital.

Referências bibliográficas

- ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar/IPLAMRIO, 1997.
- CORREIO DA MANHÃ, 1902. Rio de Janeiro, 23 jan., p. 3.
- CORREIO DA MANHÃ, 1903. Rio de Janeiro, 15 mar., p. 1.
- CORREIO DA MANHÃ, 1903. Rio de Janeiro, 13 set., p. 4.
- CORREIO DA MANHÃ, 1903. Rio de Janeiro, 14 dez., p. 1.
- CORREIO DA MANHÃ, 1907. Rio de Janeiro, 24 abr., p.1.
- ENDERS, ARMELLE. *A história do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2015.
- LUCA, Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- NEEDELL, Jeffrey D. *Béle Époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- O PAIZ, 1901. Rio de Janeiro, 14 fev., p. 3.
- O PAIZ, 1902. Rio de Janeiro, 14 mar., p. 2.
- O PAIZ, 1903. Rio de Janeiro, 07 mai., p. 1.
- O PAIZ, 1904. Rio de Janeiro, 15 set., p. 1.
- O PAIZ, 1905. Rio de Janeiro, 07 dez., p. 1.
- O PAIZ, 1909. Rio de Janeiro, 30 mar., p. 3.
- O PAIZ, 1909. Rio de Janeiro, 15 set., p. 1.